

82.09
C9722
enc: J
C=92569120

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 0014530
Data 25 / 05 / 05
() Compra (X) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

EMÍLIA: A MENINA BONECA

Ana Maria Machado de Oliveira Cunha

Pontes e Lacerda – MT

2004

Ana Maria Machado de Oliveira Cunha

EMÍLIA: A MENINA BONECA

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profª. Mestra Maria Inês Parolin Almeida

Pontes e Lacerda – MT

2004

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora.

Local e data da aprovação

Ao Adiel, meu esposo e companheiro
constante;

À Annie e ao Álex, meus filhos amados,
família que Deus me deu.

A Deus, pela oportunidade;

Aos meus professores, por me conduzirem no caminho da busca e em especial, à minha orientadora, pelo profissionalismo com que conduziu o presente trabalho.

*Literatura é cachaça. Vicia. A gente começa
com um cálice e acaba pau d'água na cadeia.*

(Monteiro Lobato)

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
EMÍLIA: A MENINA BONECA.....	08
BIBLIOGRAFIA.....	34
ANEXOS.....	35

RESUMO

O presente trabalho evidencia Emília no projeto literário infantil de Monteiro Lobato com a hipótese de leitura de que o autor figurou nessa personagem uma projeção para o ser infantil literário verificando como se deu seu desenvolvimento, e de que forma Emília, ou seja, a criança, figurada em Emília, conquista seu espaço no projeto do autor; nas obras: *Reinações de Narizinho* (1993 [1931]), *Memórias da Emília* (1994 [1936]) e *Emília no país da gramática* (1994 [1934]).

A criança na narrativa de Lobato, efetivada em Emília, tem o seu próprio discurso e saber, narra e participa ativamente dos acontecimentos e situações relacionadas ao mundo do adulto. Antes da literatura lobatiana, podemos ver a partir de Candido (1995), Coelho (1995), Coutinho (1997), Forster, (1974), Lajolo (1999), De Luca (1999), Zilberman (1993/1987), que a figuração infantil trazia a criança apenas como dado para a melhor projeção do adulto, seja ele personagem ou narrador.

O deslocamento provocado pela literatura lobatiana é elaborado a partir de uma projeção da infância desde sempre em confronto ou ambigüidade entre o fantástico/absurdo e o real da narrativa. Emília é portanto a figuração perfeita, à medida que é um brinquedo que caminha, na narrativa, rumo à humanização que projeta o ser infantil desejado.

Palavras-chave: Emília, ser infantil, evolução, fantástico.

EMÍLIA: A MENINA BONECA

Minha literatura não é da imaginação – é pensamento descritivo; não cria – copia do natural. (Monteiro Lobato)

A vontade e a decisão em falar de Monteiro Lobato surgiu no decorrer dos estudos de Literatura Infantil e Juvenil no VII Semestre do curso de graduação, ministrados pela professora Mestra Maria Inês Parolin Almeida, ora minha orientadora. O amor para com a literatura infantil começou a brotar em meu coração desde o primeiro contato com a disciplina.

A minha infância não foi regada a leituras, nem mesmo quando se deu o processo escolar. No meu tempo de escola primária, como era referida, nunca senti por parte de meus professores incentivo ao contato com obras literárias. O que era ministrado nas salas de aula eram as tradicionais aulas de gramática e a leitura veio posteriormente me fazer falta. A literatura infantil hoje me fascina, enquanto leio viajo dentro das obras e me insiro nelas como qualquer leitor, por isso decidi que escreveria sobre a Literatura Infantil.

Procuro não cometer com os meus filhos o mesmo erro que cometeram comigo, busco constantemente inseri-los no mundo literário para que eles sintam enquanto crianças o prazer que senti apenas depois de adulta.

Dos grandes escritores de Literatura Infantil o que mais chamou a minha atenção foi Monteiro Lobato, pela narrativa simples (no sentido de *natural*), dada à gostosura de ler suas obras. Confesso que a primeira obra de Monteiro Lobato que li foi *Reinações de Narizinho* já no VII semestre do curso de Letras e me apaixonei por Emília, me identifico com a boneca por falar o que pensa e não levar desaforos para casa, resolve as coisas a tempo e hora. Considero-me um pouco Emília.

Estudar Lobato é voltar no tempo para estar perto dos acontecimentos ocorridos na vida dele e viajar através desse tempo, de volta ao futuro, minha realidade, para me deleitar no prazer de ler e escrever sobre a boneca que se humanizou e é a figuração mais definida do ser infantil em sua obra. Escrever sobre Emília é aprender cada vez

mais, é viajar no mundo imaginário da criança, e como as crianças que liam Monteiro Lobato enquanto ele ainda vivia, se jogar dentro das obras e delas fazerem parte.

Incorporando um pouco Emília, eu diria que a literatura lobatiana é maravilhentíssima.

Ler Emília é reviver um pouco a minha infância que foi regada a travessuras e traquinices. De certa forma eu exercia, como Emília faz, o domínio das situações, uma espécie de líder do grupo, arteira, esperta, com a imaginação fértil para as artes de crianças e era eu quem dava as ordens, isso sem nem conhecer Emília. Ah! se eu pudesse agora voltar um pouquinho ao meu tempo, para conduzir aquele mesmo grupo de crianças à moda de Emília, eu ia querer ser como Peter Pan, nunca crescer.

Ser criança é poder levar o imaginário ao mais profundo e arrancar de lá as soluções não encontradas nas superfícies rasas do imaginário adulto; é mergulhar na profundidade da fantasia sem temer aos obstáculos e de tudo tirar proveito, aprender com os erros e crescer em conceito através dos acertos.

Diante do *maravilhamento* que tive ao conhecer Emília é que resolvi através de um estudo monográfico aproximar-me, então não fiquei só em *Reinações de Narizinho*, minha primeira leitura, li outras obras do autor. Da coleção de obras “infantis” do autor: v. 1 – *Reinações de Narizinho*, v. 2 – *Viagem ao Céu e O saci*, v.3 – *Caçadas de Pedrinho e Hans Staden* v. 4 – *História do mundo para as crianças*, v. 5 – *Memórias de Emília e Peter Pan*, v. 6 – *Emília no país da gramática e Aritmética da Emília*, v. 7 – *Geografia de Dona Benta*, v. 8 – *Serões de Dona Benta e História das invenções*, v. 9 – *D. Quixote das crianças*, v. 10 – *O poço de Visconde*, v. 11 – *Histórias de tia Nastácia*, v. 12 – *O Picapau Amarelo e A reforma da natureza*, v. 13 – *O minotauro*, v. 14 – *A chave do tamanho*, v. 15 – *Fábulas*, v. 16 – *Os doze trabalhos de Hércules* (1º tomo), v. 17 – *Os doze trabalhos de Hércules* (2º tomo), escolhi para estudo, como corpus deste trabalho *Reinações de Narizinho* (1993 [1931]), *Memórias de Emília* (1994 [1936]) e *Emília no país da gramática* (1994 [1934]).

Os episódios de *Reinações de Narizinho* ocorrem, na maioria das vezes, no Sítio do Picapau Amarelo, de propriedade de Dona Benta, uma velha de mais de sessenta anos que passa os dias na varanda com cestinha de costura no colo. Dona Benta é uma vovó muito feliz e vive na companhia dos netos Lúcia, chamada de Narizinho por ser do nariz arrebitado, uma menina inteligente, educada, comportada, caladinha, meiga e

atenciosa, é órfã e mora com a avó e Pedrinho, um menino aventureiro que vem apenas nas férias, não existem férias para ele que não sejam no Sítio do Picapau Amarelo. Vivem também na companhia de Dona Benta, a negra Anastácia, a doméstica da casa e Emília, a boneca falante feita pelas mãos da Tia Nastácia, que é a alegria da casa, bem como Visconde de Sabugosa, um sabugo de milho falante, feito para ser o pai do leitão Rabicó, um leitão de estimação muito guloso que vive no sítio, na ocasião de seu noivado com a boneca Emília. Os netos de Dona Benta e a boneca Emília que Tia Anastácia fez do retalho da sua saia, provocam um verdadeiro alvoroço no sítio. Eles vivem as aventuras mais inusitadas possíveis, viajam pelo mundo fantástico do Reino das águas claras, onde Narizinho casa-se com o Príncipe escamado, viajam pelo mundo das fadas, através do pó de pirlimpimpim, montados no lombo do burro falante, um outro personagem morador do sítio. Cá no sítio ou lá no mundo encantando, as crianças divertem-se e misturam o fantástico ao real. No início dona Benta pensava que as aventuras contadas por seus netos eram apenas imaginações de criança, mas acabou descobrindo um mundo maravilhoso onde tudo pode acontecer. Ela é preocupada com a educação de seus netos, é calma compreensiva e pode-se dizer muito moderna, pois não só aceita as peripécias de seus netos, como também em alguns momentos, vive aventuras com eles. As aventuras vividas pelas crianças do sítio é na maioria das vezes comandadas por Emília, uma boneca criança.

Emília no País da Gramática narra a viagem de Narizinho, Pedrinho, Emília e Visconde de Sabugosa ao País da Gramática, montados no lombo do Rinoceronte Quindim. É uma obra de teor educativo, pois trata dos domínios da Língua Portuguesa. As crianças muito aprendem ao visitar o País e seus bairros. É Quindim quem comanda a viagem e, a princípio, as visitas aos bairros povoados pelas famílias da turma da gramática. A princípio, quer dizer que Emília toma o comando. No decorrer da narrativa a boneca Emília busca compreender a língua através de questionamentos. Enriquece o aprendizado com exemplos condizentes ao assunto, e ainda, instiga o aprendizado dos demais personagens e leitores.

Em *Memórias da Emília*, a boneca resolve escrever suas memórias, ou seja, criá-las, pois ela mesma disse que se deve escrever apenas o que vai falar bem do memorado e que deve escrever mentiras bem pregadas para que todos pensem serem verdades. Segundo ela, se escrevermos as verdades todos saberão que somos pessoas comuns como todo mundo. Emília convida Visconde para ser uma espécie de escrivão, ela dita e

ele põe no papel. Mas pela sua impaciência em ficar parada sem as peripécias, das quais gosta, por muito tempo, faz com que ela abandone o posto e entregue tudo nas mãos de Visconde de Sabugosa. A narrativa desta obra é todo em torno de Emília. É narrada *A viagem ao céu*, quando Emília traz para o sítio do Picapau Amarelo, um anjo que havia quebrado a asinha. Narra-se também a visita das crianças da Inglaterra em viagem ao Sítio a fim de conhecerem o anjinho de Emília.

Minha intenção é evidenciar Emília no projeto literário infantil de Monteiro Lobato com a seguinte questão: de que forma está figurado o ser infantil na obra lobatiana? Parto da hipótese de leitura de que Lobato figurou em Emília uma projeção para o ser infantil literário, pois ela tem todas as possibilidades de vida própria, a lógica de entendimento de mundo dela é a lógica infantil, Emília vê e entende as coisas como entende uma criança, na sua concepção. No entendimento dela – *Frutas são bolas que as árvores penduram nos ramos, para regalo dos passarinhos e das gentes. Dentro há caldos ou massas de todos os gostos...*¹

Num primeiro momento pretendo retratá-la na obra de sua ascensão *Reinações de Narizinho*, versão renovada de *A menina do narizinho arrebitado* (1920) compilada de outras obras de Monteiro Lobato, verificando como começa o seu desenvolvimento que segundo Coelho é de forma gradativa. A autora diz o seguinte: *a cada novo livro, mais e mais se afirma a personalidade livre e voluntariosa de Emília*². Apresenta a suposição de que Emília figure um alter-ego do autor, afirmando que a boneca é *irreverente porta-voz de suas idéias libertárias e progressistas*.³

Don O que nos interessa como consequência desse raciocínio é que Emília representa a figuração do ser infantil, verificando de que forma Emília conquista seu espaço no projeto literário do autor, trazendo para análise as situações em que Emília mostra sua inteligência, liderança, seu discurso, da mesma forma apresentando as estratégias da boneca para as soluções dos problemas surgidos, na sua passagem do real para o imaginário, através das travessuras endossadas pelos seres humanos habitantes do Sítio.

Emília é inteligente, isso fica evidenciado em *Emília no país da gramática* (EPG), quando em todas as ocasiões ela surpreende até mesmo os muito entendidos do assunto gramático, como no caso, a Dona *Etimologia*, quando esta lhe dá explicações a

¹ (LOBATO, 1994, p. 15)

² (COELHO, 1995, p. 854)

³ (Ibidem, p. 854)

respeito da língua e Emília exemplifica, questiona, faz comparações que enriquecem o aprendizado. Ou ainda em *Reinações de Narizinho* (RN), quando é capaz de criar narrativas e contá-las para diversão de todos no Sítio, e ainda, a história criada e contada por ela é uma história que educa, induz a pessoa a praticar o bem, tem como fundo moral: aquele que age de má fé, como as pastorinhas, a sua maldade volta a si mesmo e que devemos praticar o bem para recebê-lo em troca. A narrativa de Emília é bem elaborada e se enquadra no nível estético de Monteiro Lobato, literatura que educa enquanto diverte e além disso apresenta uma interpretação dos valores morais religiosos. Ela sabe solucionar problemas, como quando impede que exploradores de terras comprem o Sítio de Dona Benta, criando uma notícia falsa que os amedronta.

É esperta e não se deixa enganar tão facilmente, quando tentam tapeá-la, dizendo ser o marquês de rabicó o dono de um imenso castelo com lago na frente, Emília afirma conhecer bem o lago do marquês. O senhor Vidro Azul, que no momento representava o noivo, o marquês de rabicó, por este não saber se comportar, tentou remediar a situação, mas não teve sucesso, Emília sabia das intenções de enganá-la, que não lhe passaram despercebidas.

Outro episódio marcante da esperteza de Emília em não se deixar enganar é quando em *ME*, o Visconde cansado de cumprir as determinações dela resolve macular a sua imagem, porém não consegue, pois o que ele fala de Emília é realmente uma verdade e essa verdade apenas enriquece o currículo de esperteza da boneca.

Diz asneiras enormes, e também coisas tão sábias que Dona Benta fica a pensar. Tem saídas para tudo. Não se aperta, não se atrapalha. E em matéria de esperteza, não existe outra no mundo. Parece que adivinha, ou vê através dos corpos.⁴

Visconde acredita que estas verdades serão ofensas para a boneca acostumada a ter o domínio das situações. Como ele próprio disse que Emília parece adivinhar, logo ela percebe que Visconde poderia estar escondendo alguma coisa que escreveu a seu respeito e que poderia ser mal testemunho sobre ela. Arranca-lhe das mãos o escrito e lê, ao contrário de se irritar, medita sobre o assunto e para o espanto de Visconde, concorda com o dito.

⁴ (LOBATO, 1994, *Memórias de Emília*, p. 48)

Emília tem solução para tudo, sabe como resolver conflitos e sair de situações de perigo, como aconteceu em *ME*, no episódio em que o marinheiro Popeye viera ao Sítio do Picapau Amarelo, clandestino na tripulação do navio, com o propósito de roubar o anjinho que Emília trouxera quando da viagem ao céu. Ela soube corretamente como sair bem da situação, descobrindo através de seus questionamentos como se procedia a força vinda do marinheiro Popeye e por quanto tempo duraria o efeito do espinafre. E então traça uma estratégia de luta para combatê-lo, na qual se deu a derrota do marinheiro e a vitória de Pedrinho e Peter Pan..

É convincente, sua idéia é a que prevalece dentre todas as outras e não se deixa enganar, sabe distinguir entre certo e errado. Em sua história contada na noite de histórias no Sítio da vovó, Emília dá exemplo de distinção entre certo e errado quando fala das recompensas recebidas pelas personagens de sua história, as pastorinhas, após agir errado – entregando ao mendigo uma pedra ou osso dizendo ser pão ou confessando ser o pão bolorento o único alimento que tinha para matar a fome. Emília soube conduzir a história dando a cada uma das pastoras a lição merecida.

Não considero que tais histórias devam ter fundos morais, apresento esse dado para mostrar que Emília tem discernimento e sabe distinguir atitude certa e atitude errada. Há sim, um nível de ensinamento proposto na história, há portanto o pedagógico inserido para que se aprenda através de exemplos, em que a atitude certa é louvável e a atitude errada é punida. Esse pedagógico proposto por Lobato visa à formação, é criticidade, porque trazia à tona da obra questões de fundo filosófico, sobre o homem e o mundo, questões de linguagem, valores, formação de caráter. É um pedagógico literário de alto nível, relativo à existência. Humaniza. E o que vale ressaltar aqui é a participação ativa da criança na narrativa lobatiana.

Ela é uma criança que tem voz, dá opiniões a respeito de assuntos relacionados aos seres humanos que vivem no Sítio da vovó e como qualquer outro habitante dele, participa ativamente dos acontecimentos da casa, não só nas conversas e histórias contadas à noite, tem voz ativa porque é atendida em seus desejos. Os habitantes do Sítio ouvem os conselhos de Emília e acatam as suas opiniões, tanto que, quando ela está em fase de elaboração do plano para derrotar o marinheiro Popeye, Dona Benta na conversa com o Almirante Brown tenta fazer com que ele entenda que Emília tem o domínio da situação . Isso é uma grande prova de que ela goza da credibilidade das pessoas idôneas.

Neste mesmo episódio, Emília, usando da sua inteligência engana o marinheiro Popeye e como já afirmei, faz com que ele confesse o tempo de duração da força dada pelo espinafre.

Ela tem seu próprio vocabulário. Surgem em suas falas palavras novas e irreverentes considerando-se as normas gramaticais da língua portuguesa, sem qualquer preocupação com o que os demais irão pensar a respeito dela e age por conta de sua imaginação.

A estética do período moderno segundo Zilberman,

promoveu (...) a expressão oral e 'inculta'. (...) a linguagem modelar foi destronada, cedendo a vez (e a voz) ao coloquial, ao popular e ao atual no que se refere à semântica e à sintaxe, e, em alguns casos, como o de Monteiro Lobato, até à ortografia.⁵

A linguagem é uma das inovações aderidas por Lobato, provocando um estranhamento diante da narrativa literária segundo os padrões romantizados, que ocupavam a escritura e seus procedimentos em detrimento do conteúdo das histórias. As inovações literárias, no que se referem à linguagem, Lobato aderiu à Emília que solta a língua num palavreado pra lá de avançado e moderno, criando e inovando palavras.

Por que Lobato idealiza um ser infantil em Emília? Por que vestiu uma boneca de criança, no seu sentido mais amplo, com fala, pensamento, sonhos, densidade psicológica e um ideal?

Ele escreveu para o público infantil por acreditar em seu potencial. Esse ser no qual acreditou Lobato é figurado em Emília, sua mais importante criação e como dizem alguns críticos literários, sua porta-voz. Porém, segundo o próprio Lobato em confiança ao amigo Rangel através de cartas afirma que Emília tem o comando das situações e ele, o criador, é dominado por ela, a criatura.

Quando escrevo um desses livros, ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e me diz o que quer, não o que eu quero. Cada vez mais Emília é o que quer ser, e não o que eu quero que ela seja.⁶

⁵ (ZILBERMAN, 1993, pp. 62-3)

⁶ (LOBATO, 1943, in A Barca de Gleyre)

Sendo assim, podemos dizer que *ele* é o porta-voz de Emília, o que Lobato fez foi dar crédito a ela. Emília é a criança inteligente na qual ele acreditou, que não pára no tempo e espera que o socorro venha ao encontro ou que chora enquanto não recebe o socorro. É irônica, crítica e determinada e através de planos estratégicos procura sanar as dificuldades que porventura surjam. Para tudo busca uma solução. Emília corresponde a um momento do projeto estético de Lobato, surgiu do bico da pena e ganhou o mundo, como afirma seu criador: (...) *me caiu do bico da pena uma boneca (...), bem longe estava eu de supor que iria ser o germe da encantadora Rainha Mab do meu outono.*⁷

Antes de Lobato, ou seja, antes do surgimento de Emília, na Literatura figurava um ser infantil estático, que no decorrer da narrativa não se desenvolve, sua participação não cresce e termina da mesma forma com que se inicia.

Em 1904, Coelho Neto e Bilac publicam *Contos Pátrios*, que, como as obras de Lobato, têm intenções educativas, antes do título traz escrita sua intenção pedagógica *Educação Moral e Cívica*, que posteriormente torna-se disciplina obrigatória nas escolas públicas.

Em *A Partilha, um dos Contos Pátrios*, a criança não tem voz e sua única participação é chorar e dizer: *Estou com fome, mamãe...* na espera de ser alimentado. O menino começa por dizer: *Estou com fome, mamãe...* até o fim é a única participação, reclamar a fome e por fim reclamar por outro alimento que não fosse o café, *só café mamãe?*⁸ A criança da narrativa literária pré-lobatiana não tinha participação inteligente, ou seja, não tinha participação intelectual “evolutiva”, aliás, não há intelectualidade infantil no conto em questão.

Emília veio para romper com o silêncio e através dela o ser infantil passa a ter voz, ela não tem “papas na língua”, diz o que pensa, na hora que bem quer e para quem quer e por ser boneca não sofre as repressões que sofreria o ser humano; coisas que uma criança jamais poderia fazer, ela faz. Segundo o que pudemos constatar nas críticas literárias existentes a respeito da figuração da criança, Emília rompe com os padrões do ser infantil do seu tempo, ela questiona as verdades da época, ignora a verdade absoluta imposta pelo adulto e tem seu próprio discurso. A criança na narrativa de Lobato não é aquela da redoma de vidro, protegida dos perigos existentes à sua volta. Participa dos

⁷ (Ibidem)

⁸ (NETO & BILAC, 1904, p. 17)

acontecimentos do Sítio e ativamente se comporta diante de situações, que na maioria das vezes são por ela criada, como quando o Sítio é invadido por personagens do mundo maravilhoso que não são bem-vindos, como no caso do *Barba Azul*, o *Gato Félix* com suas mentiras, o *Marinheiro Popeye* e outros.

A criança do conto de Coelho Neto e Bilac era o ideal de criança do seu tempo, calada, em termos de questionamento, silenciada pelo sistema educacional daquela época. O ser infantil na narrativa de Neto era representado de forma que a criança sequer tem nome. É sempre chamada de: *o menino*, *o mais velho*, *o pequeno*, em nenhum momento o menino é nomeado. De acordo com o comportamento do infantil e adulto no conto, suas características são de personagens não reacionais, sem densidade psicológica; são seres passivos, cujo comportamento os figuram personagens planas.

Canonicamente a criança era uma ilustração figurada como obediente, passiva, dar para receber e receber do que se doou, um tipo de aprendizado que vimos nos contos de Coelho; a passividade do menino em esperar a voz do adulto. Da mesma forma se dá no âmbito da narrativa, as crianças não têm voz e a enunciação fica com conta do adulto, que se posiciona do lado de fora. Além disso, o foco central é o problema materno e não o infantil. Os acontecimentos são apresentados na perspectiva da mãe. A criança é figurada como, diríamos, um coadjuvante, ou seja usado apenas como dado para a melhor representação do adulto, a ela fica apenas a leitura e a moral pedagógica que está na história.

Cantava, e as lágrimas rolavam-lhe em dois fios ao longo da face magra e pálida. Sofria, mas como era preciso que o pequenino adormecesse, cantava, indo e vindo, devagar, embalando nos braços a criança.⁹

Do mesmo modo, num soneto de Olavo Bilac (1996 [1904]) *A Boneca*, cujo enredo trata de duas meninas que, não sabendo dividir o mesmo brinquedo, sofres as conseqüências da briga quando o mesmo se rasga e elas precisam relembrar e se conformar com as brincadeiras anteriores.

Ficar sem a boneca, é o castigo que se tem pela falta de compreensão e desunião de duas crianças que poderiam dividir um único brinquedo. Há neste soneto a inserção

⁹ (Ibidem, p.16)

da mensagem pedagógica desde o início e reforçada ao final, ao deixar a criança sem o brinquedo. (...) *Ambas por causa da briga, /Ficaram sem a boneca...*¹⁰

Segundo Bilac, no prefácio desta obra, as poesias por ele reunidas trazem versos naturais, de fácil linguagem, sem dificuldades métricas e ao mesmo tempo sem exageradas futilidades; a intenção era contribuir para a formação moral e cívica das crianças, e elevar através da linguagem, sem exageros fúteis, o nível intelectual do ser infantil.

O AUTOR DESTA LIVRO destinado às escolas primárias do Brasil não quis fazer uma obra de arte: quis dar às crianças alguns versos simples e naturais, sem dificuldades de linguagem e métrica, mas, ao mesmo tempo, sem a exagerada futilidade com que costumam ser feitos os livros do mesmo gênero.¹¹

Percebe-se nesse prefácio a guiar pela fala de Bilac, que os livros destinados às crianças eram banais em termos de linguagem, subjugando assim a intelectualidade do leitor infantil, tanto que as crianças eram figuradas passivas, ao contrário de como Lobato traz figurado o ser infantil de suas obras, além disso, os textos sempre apontavam para fora, para o desenvolvimento de um comportamento.

Para os padrões literários da época, Emília deveria ser silenciada para ser considerada criança normal. No ato que ganhara a fala e que a boneca extrapolou em falar, o próprio doutor Caramujo afirma *...Ela que fale até cansar. Depois de algumas horas de falação, sossega e fica como toda gente*¹². Este *sossega e fica como toda gente*, quer dizer, como toda gente que emudece e aceita as imposições vindas da parte dos que têm o poder da palavra, que no caso da criança, seria o seu tutor, ou seja, o adulto.

O que Lobato pretendia ao direcionar sua literatura para o público infantil era provocar a reflexão, despertar nas crianças e jovens, a criticidade, a iniciativa, desejava, segundo Prado (in AZEVEDO, 1998), *apressar a modificação do mundo*. A obra lobatiana apresenta linguagem simples e segundo Zilbermam (op cit), é consequência da

¹⁰ (BILAC, 1996, p. 303)

¹¹ (Ibidem, p. 294)

¹² (LOBATO, 1993, p. 19)

estética do período moderno, que promoveu a expressão oral destronando a linguagem modelar.

Lajolo (1999) também faz a mesma afirmação a respeito da linguagem aderida por Lobato. A autora afirma que ele *rompeu os laços de dependência à norma escrita e ao padrão culto, procurando incorporar a oralidade sem infantilidade, tanto na fala das personagens, como no discurso do narrador.*¹³

A crítica literária tem apontado que as crianças nas obras de Lobato não são externas às mesmas, ou seja, não são meras expectadoras, são participantes ativas, não são apenas aprendizes, de Lobato educar através da literatura. A criança da obra de Monteiro Lobato narra, criando desfecho inusitado às histórias. Há efeito real em se escrever “memórias” e isso parte de uma boneca, que figura a infância.

Ele julga ser através da criança que conseguirá mudar os rumos do país, com o qual se encontra desiludido. Emília é o potencial de criança no qual Lobato acredita. Ele traz para dentro de suas obras os problemas sociais que assolam o país, os quais muitos são solucionados pela boneca. Emília tem solução para todas as coisas, quando o adulto não vê saída para os problemas ela dá um jeito e consegue saná-los. Com isso Lobato instiga a criança a correr em busca do que deseja. Segundo os críticos literários, ele acredita na sensibilidade e na inteligência do ser infantil. Esse é o motivo pelo qual Lobato instiga em Emília a solução de certos problemas sociais; incentivar o ser infantil, o qual acredita ser o futuro da nação, a não aceitar as imposições do ser adulto, que no mundo infantil representa a autoridade máxima, como analogamente no caso do mundo adulto, os governantes do país.

A mesma fortuna crítica afirma que o ideal de Brasil sonhado por Lobato é concretizado no Sítio, lá é o espaço em que ele mostra qual realidade quer para o seu país. E Emília é também o modelo de criança que o autor deseja formar através das leituras de suas obras. O processo nacionalista ao qual Lobato se insere vai passar pela questão estética em seus textos, isto é, a resposta do autor será dada na lição do personagem infantil.

Forster (1974), o primeiro teórico da modernidade a discutir a questão do personagem literário, discute sobre protagonistas de romances tratando-os de pessoas por acreditar que geralmente são pessoas a exercer determinado papel, e que alguns

¹³ (LAJOLO, 1999, p. 83)

autores inserem animais no papel de protagonistas, mas como ele disse, *com sucesso limitado* pela falta de conhecimento psicológico que se tem em relação a animais. Em se tratando de personalidade Candido (1995) afirma que *não somos capazes de 'abranger' a personalidade do outro com a mesma unidade com que somos capazes de 'abranger' a sua configuração externa.*¹⁴ Este autor não diferencia, ou seja, não trata em sua crítica de personagem humano e não humano, trata-os por “seres”. De qualquer forma o que nos passa é a impossibilidade de se enxergar com precisão além do que está externado, sendo assim animal ou não, o personagem será representado com precisão apenas no exterior, o interior fica a critério da imaginação do romancista em criar ou recriar em cima do que foi apresentado pelo ser vivo no qual se baseou. E segundo o que a crítica nos passa, Lobato ao criar Emília, e através dela, uma boneca, alcançar todas as possibilidades de representação do real, pode se dizer que foi de grande mérito.

Emília não é um animal, mas também não é ser humano, ela é um ser fantástico, é diferente do tipo de protagonista tratado por Forster e Candido, e seu sucesso é ilimitado pelo seguinte: ela cresceu psicologicamente com acompanhamento de seu criador, por isso é tão real sua participação. No estudo de Forster sobre a inserção de pessoas reais nos romances e de pessoas de romances à vida real, ele parte do princípio básico existencial do ser humano: nascimento, alimentação, sono, amor e morte. Segundo ele, o romance é baseado em fatos existenciais e modificado de acordo com o temperamento do autor. Afirma que numa história o que se modifica, ou seja, o que se torna fictício é o método pelo qual o autor transforma em ação o pensamento do personagem.

Ainda segundo o autor, é através das ações que os personagens são ou não reais. Serão reais os personagens que conseguirem convencer o leitor, ou seja, que inserirem o leitor no mundo fictício, ou serão irreais aqueles que não conseguirem tal fato. De certa forma os personagens serão reais ou não, de acordo com o psicológico dado a cada um, ou como são suas atitudes para com o psicológico do leitor.

Segundo esses críticos modernos, posso considerar Emília uma personagem real, pois há nela uma fusão imaginário/real. Ela vai além das páginas dos livros, em *ME* tem a sua fama percorrendo toda a Inglaterra como confirma o Almirante Brown. Na estética literária de Lobato há essa mistura de história real e história fictícia. Há personagens reais misturados aos personagens fictícios e Emília é o elo e com isso rompe a barreira

¹⁴ (CANDIDO, 1995, 55-6)

imaginário/real. Ela pertence aos dois mundos, real e fictício; fala, se alimenta, raciocina, tem atitudes, por isso é real, mas é boneca, por isso é ser fantástico, e sendo assim é fictício e ultrapassa a estética literária de personagens da qual trata Forster.

As atitudes dos personagens também os classificarão planos ou redondos. Planos são os personagens sem ação, isto é, estáticos, como o adulto e a criança de *A Partilha*, que não se desenvolvem ou se modificam, ou são redondos se dentro da obra exercem papéis ativos, tem atitudes e se desenvolvem no decorrer da narrativa, a esse personagem evolutivo Foster chama de redondo (esférico).

Emília não cresceu só em tamanho e forma física, cresceu psicologicamente e em esperteza, e apesar de tão nova a inteligência adquirida deu-se através de experiências vividas e com raciocínio intuitivo. A bonequinha externamente feia é uma beleza em saber empírico, nada prova de suas idéias a não ser através de vivê-las, e ao vivê-las consegue constatar a veracidade das mesmas e também que as pessoas aprove-m-nas.

É uma personagem que segundo a teoria de Forster apresenta características de redonda, ou seja, é esférica, por ser “evolutiva” contrapõe à Narizinho, personagem considerada plana pelas atitudes estáticas dentro das obras. A “evolução” de Emília se dá de forma gradativa no projeto como um todo. Em *A menina do narizinho arrebitado* Emília era apenas uma boneca feita do retalho da saia de tia Nastácia, no seu sentido literal, sem participação ativa.

Em *RN* deparamos com Emília a princípio muda, como qualquer boneca. Esse pequeno ser, fabricado por mãos humanas, veio ao mundo da forma mais simples possível, com o propósito de preencher um espaço vazio na casa de dona Benta. Emília é a alegria do Sítio e a finalidade para a qual veio seria a alegria de Narizinho, mas com o crescimento da boneca o espaço por ela conquistado sobrepuja as expectativas até mesmo daquela que a fabricou, tia Nastácia. O descrédito para com Emília era (não é mais, Emília conquistou seu espaço) tão grande que tia Nastácia, no episódio *A pescaria*, afirma fritar o peixe que Emília conseguir pescar no dedo e se espanta ao constatar o peixe no anzol da boneca. – *Credo! Até parece feitiçaria!*¹⁵ Disse a negra assustada enquanto Narizinho corria para a casa muito feliz pelo feito de Emília.

¹⁵ (LOBATO, 1993, p. 25)

O ser infantil retratado na boneca Emília não é um ser infantil estático, é um ser que “evolui”. *A boneca Emília é a única personagem que evolui dentro do universo do Sítio do Picapau Amarelo.*¹⁶ Podemos provar a “evolução” de Emília através de seus feitos pra lá de avançados. Como todos conhecem, é uma bonequinha de pano falante, mas não nasceu falando, nasceu muda e aprendeu a falar. Ela passou a ter todas as atitudes que se tem um ser humano normal, o que a torna, segundo a teoria de Forster, real. O seu crescimento se dá a cada experiência vivida. Tem novas idéias e busca aprender cada vez mais. Emília não só aprendeu a falar, a sua fala evoluiu e foi crescendo o seu aprendizado da Língua. “Evolui” no projeto estético de Lobato e segue sua “evolução” ao encontro da humanização; se desenvolve na narrativa e toma consciência de seu progresso, a ponto de escrever suas memórias.

Emília sonha. Como toda criança, não foge à regra e deseja ser princesa e para a sua realização não mede conseqüências, casa-se com Rabicó, um leitão cor de rosa que reside no sítio de Dona Benta. Apesar de toda esperteza foi ludibriada, pois Rabicó não era príncipe e só descobrira depois da cerimônia realizada, por isso não se consumou o casamento, os dois viviam no sítio da Dona Benta, porém, com *separação de corpos*. Ficou casada e separada maritalmente para sempre. Estando casada de mentirinha Emília segue sua vidinha de criança, com atitudes de criança que sabe o que quer.

Sendo assim, não posso deixar de contrapor Emília a Pedrinho e Narizinho, que como ela, são crianças ambientadas na mesma época e espaço. Considerando a representação canônica da infância para o período, tanto Emília quanto Narizinho são a representação moderna da infância, no entanto Emília sobrepuja as outras crianças. Analogamente essas crianças deveriam equiparar-se à criança do conto *A Partilha* devido ao pouco espaço de tempo entre as duas narrativas. As atitudes dos dois netos de Dona Benta eram atitudes avançadas para as crianças do seu tempo, mas na ordem e na inocência de criança e se tinham alguma idéia surpreendente era com o auxílio de Emília. Nas atitudes que superavam as atitudes de crianças Narizinho e Pedrinho buscavam as idéias junto à Emília que segundo a crítica era uma espécie de porta-voz. Prefiro afirmar que ela tem voz própria e representa as vontades das crianças.

Na estrutura familiar do Sítio está presente a avó, a agregada e os netos. Não há presença de pai ou mãe. Narizinho é órfã e mora com a avó, Pedrinho mora e estuda na cidade, tem apenas a presença da mãe, pouco ou quase não citada, e vem ao Sítio todos

¹⁶ (COELHO, 1995, p. 853)

os anos para as férias escolares. O menino não vê férias que não sejam no Sítio da vovó, a presença dela é muito importante na vida dessas crianças. A função paterna é exercida pela avó e a ausência dos pais, não reclamada, supõe-se esquecida, pelo espaço que Emília ocupa na vida das crianças. Ela exerce sobre as crianças certo domínio.

Vale a pena perceber que através de Emília as vontades de uma criança alcançam espaço aberto para a passagem do real para a ficção e vice-versa. Pelas travessuras da boneca acontece a travessia entre o mundo real e suas convenções sociais e o aprofundamento no mundo fantástico dos contos de fadas, pois Emília é uma mistura entre fantástico e real, é uma boneca de pano que tem vida própria. Também é através dela que Narizinho e Pedrinho apresentam atitudes de confronto com as questões de ordem social.

A boneca Emília é criança, isso porque ela fala, brinca, briga, corre, se alimenta, chora, pensa e age como qualquer criança, é o próprio confronto social em se tratando do comportamento infantil. A maneira confrontante de Emília agir a deixa mais forte diante das pessoas que a rodeia, ela os confronta e eles vêm nela razão, cresce a sua credibilidade com o seu criador, e satisfaz as crianças que sentem neles seus desejos realizados, ou seja, as crianças sentem realizados todos os seus desejos emilianos, esses desejos que só Emília é capaz de tornar reais.

Monteiro Lobato pensava em *tentar despertar a consciência social e criar novos padrões de comportamento coletivo*¹⁷, com interesses voltados à valorização nacional e preocupados com a educação de seus filhos, dedica-se à literatura infantil, pois era um escritor preocupado com a literatura destinada às crianças. Coelho (1995) apresenta uma carta de Lobato ao seu amigo e confidente Rangel, que diz o seguinte:

Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas oralidades. Coisa para crianças. ... Um fabulário nosso, com bichos daqui em vez de exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é habilidade por talento, ando com idéia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus

¹⁷ (AZEVEDO, 1998, p. 102)

filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o 'Coração de Amicis' – um livro tendente a formar italianinhos.¹⁸

Lobato trata o intelecto infantil em grau de paridade com o intelecto adulto ou até mesmo em grau de superioridade. Afirma a um repórter do jornal *A Gazeta*: *Escrever para crianças!, (...) Ah! Meu amigo, é admirável... Elas não têm malícia, aceitam tudo, tudo compreendem.*¹⁹

A narrativa de Monteiro Lobato não subestima o leitor infantil, ele é um dos escritores que mais o valoriza. Sua narrativa é complexa, não é linear, uma história surge de outra história, o narrador ora narra de dentro da história, ora narra do lado de fora, como acontece com Visconde de Sabugosa quando narra memórias da Emília, às vezes está de fora, outras vezes se mostra no texto. *Emília puxou-me pelo braço e eles me agarraram, me enfiaram na camisola, me pregaram as asas (...)*²⁰ Ao mesmo tempo a estética literária do autor traz uma linguagem simples, e com traços de oralidade.

Lobato dá ao ser infantil a importância que lhe é negada pela literatura canônica, acredita que a criança possa ser liderança, tem capacidade de criar e tem iniciativa própria, e por acreditar no potencial dela que Lobato passa a escrever a esse público e através de suas obras literárias apresenta as suas idéias, críticas e desabafos e através de Emília, essa criança em quem Lobato deposita sua credibilidade e acredita ser o progresso da nação, manda o seu recado. Ele acreditava que *ao influir na formação da criança, contribuiria para construir o Brasil do futuro*²¹. Sandroni diz, que a partir de Lobato:

A Literatura Infantil perde uma de suas principais características, a de ser um instrumento de dominação do adulto e de uma classe, (...). Passa a ser fonte de reflexão, questionamento e crítica.²²

Assim, usa a boneca para trazer à criança a reflexão literária. Então, Emília adquire a forma humana de pensar e falar e cresce como pessoa, figurando o ser infantil.

¹⁸ (A Barca de Gleyre, II, p. 104 in COELHO, 1995, p. 847)

¹⁹ (LOBATO in AZEVEDO, 1998, p. 312)

²⁰ (LOBATO, 1994, Memórias da Emília, p. 18)

²¹ (CAIO GRACO PRADO in AZEVEDO, 1998, p. 311)

²² (SANDRONI, 1987, p. 60)

A cada traquinice de Emília com resultado positivo, que quase sempre obtém, ela ganha ponto diante das pessoas e o seu crédito aumenta. No episódio *Emília e La Fontaine de Reinações de Narizinho* quando ela consola o senhor fabulista La Fontaine e esse lhe agradece com um elogio dizendo ver nela sinceridade, Emília cheia de razão acha que pode intrometer em sua vida e lhe oferece uma perna de tesoura para que La Fontaine corte o cabelo.

Outro episódio que marca o crescimento de Emília é quando da venda das Fazendas vizinhas para Dona Benta. Os donos das fazendas, na realidade, queriam comprar o sítio de Dona Benta, mas com a brilhante idéia de Emília, fingindo que ali seria um crime de feras selvagens, eles acabam por vender suas propriedades por um preço razoavelmente baixo. A astúcia de Emília é parte do seu crescimento, que não se dá só dentro da obra, o seu crescimento “evolutivo” se dá de romance para romance. A cada obra do autor ela apresenta novas atitudes. Ela cria, aumenta, confunde, persuade e prevalece em todas as ocasiões. Suas opiniões, suas invenções se sobressaem, ela sempre arruma um jeitinho de vencer a batalha – seja ela qual – for e estar no auge.

Quando Emília planeja algo com certeza arruma meios de pô-lo em prática mesmo que para isso tenha de mentir e enganar as pessoas que ela quer bem, no momento o que importa para ela é a realização do seu desejo, o querer bem fica em segundo plano. Antes de amar alguém, primeiramente Emília se ama, e isso não é recriminado, é original.

No episódio do boneco faz-de-conta em *RN* Emília mostra-se egoísta e dissimulada. Faz de Vinconde de Sabugosa seu cúmplice e arma para cima de Pedrinho. O menino acredita nas suas invenções e orientado por ela vai em busca de uma madeira falante, e acredita ter conseguido quando a madeira geme ao toque do machado, sem sequer imaginar que a voz vinda da madeira era de Visconde de Sabugosa. Emília tinha um único objetivo: ganhar de Pedrinho um cavalinho de madeira que nem rabo tinha. Como ela faz qualquer coisa pelos seus objetivos, engana Pedrinho e dissimuladamente assobia o *Pirolito que bate bate* quando o menino volta para casa.

A dissimulação de Emília não fica só nisso. Quando Pedrinho descobre o mal feito, tenta recuperar seu brinquedo de volta, pois a idéia do boneco falante não tinha dado certo e o acordo se manteria se a idéia fosse boa e trouxesse resultados satisfatórios. Travam uma discussão e Pedrinho a chama de *cara de coruja seca*, expressão que ela mesma gostava de chamar as pessoas quando queria ofendê-las.

Emília, que sabia do intento da ofensa, sentiu-se muitíssimo humilhada e fez-se de coitadinha, coisa que ela não é, para conseguir que as pessoas a protegessem. Deu certo, todos tomaram o partido da menina que até soluçava de tanto chorar.

Em todos os momentos em que Emília se faz presente ela é única, procura dominar as situações sem perder ponto e figura seguramente o ser infantil. Ela é convincente, seu discurso é persuasivo. A sua idéia sempre prevalece, dificilmente ela perde ponto. Quando tia Nastácia fabrica o boneco João Faz-de-conta, nome que Emília deu, ela os convence do nome com o seguinte discurso:

— João, porque ele tem cara de João. Todo sujeito desajeitado é mais ou menos João. E Faz-de-conta, porque só mesmo fazendo de conta se pode admitir uma feiúra desta. Faz de conta que não é feio. Faz de conta que não tem prego nas costa. Faz de conta que...²³

Todos concordaram com Emília, pois ela os convenceu através de seu discurso, a explicação dada a respeito do nome do boneco Faz-de-conta agradou a todos e foi considerada a melhor “botadeira de nome”, título que lhe rende muita credibilidade. Mas Emília não faz nada de graça, o título e a credibilidade eram poucos, ela queria mais, é interesseira e almejava o alfinete da tia Nastácia. Como já afirmei, ela sempre consegue o que quer e o alfinete é dela. Também, se tia Nastácia não cedesse, com certeza Emília arrumaria um meio de obtê-lo, cedo ou tarde ela conseguiria seu objetivo.

Que Emília é interesseira, sempre quer algo em troca, convincente, suas idéias são as que predominam, espevitada, sempre age sem medir conseqüências e às vezes intrometida e sem educação, ativa e participativa em todas as situações nós já sabemos. A Emília que vamos ver agora é a inteligência em pessoa, que capta com facilidade as coisas, que aprende e ensina ao mesmo tempo.

Em *EPG* vemos uma menina inteligente, boa aprendiz, que indaga, nem sempre com o intuito de aprender, às vezes é só para se exhibir, mas de qualquer forma, se para aprender ou para se exhibir, ao receber a explicação ela cresce em aprendizado. Ela dá opiniões acerca do assunto estudado, mostrando-se capaz de liderar. Com tão pouca idade Emília apresenta tudo isso.

²³ (LOBATO, 1993, 113)

A menina Emília é participativa e entende com facilidade as explicações dadas acerca da gramática, sabe buscar referencial para demonstrar seu aprendizado e ainda complementa as explicações com bons exemplos, dando provas de que aprendeu de verdade, ela não cala diante de nenhuma situação, se entendeu procura enriquecer a explicação e se não entendeu indaga, questiona, ou seja, levanta a problemática.

Enquanto passeava pela cidade de Portugália, passou pelo bairro do Arcaísmo e ao saber do seu significado buscou logo relacionar Dona Benta e tia Nastácia como arcaicas, por serem mulheres mais velhas. Com essa relação Emília mostra sua irreverência para com as senhoras e prova também que Emília não mede palavras, não mede as conseqüências, ela fala o que lhe dá na “venta”, doa a quem doer, que nesse caso quem não gostou foi Narizinho, que achou uma tamanha falta de respeito. Isso Emília não tem mesmo, o que ela respeita muito são suas próprias vontades.

Outro exemplo dado por Emília como prova de que realmente aprendeu acerca de determinado assunto, é no acampamento dos verbos, quando lhe é explicado que os verbos assumem formas diferentes, logo Emília lembra do camaleão que sempre muda de cor e afirma serem os verbos os camaleões da língua. Ótima relação analógica que Emília faz, assim como o camaleão muda de cor conforme sua necessidade de proteção, o verbo muda de forma conforme a necessidade oracional, obedecendo no caso, à norma culta da língua. Da mesma forma Emília exemplifica acerca das preposições e rapidamente as relaciona a barbantes dizendo ser as proposições *os barbantes, as cordinhas da língua*²⁴. Emília tem o raciocínio aguçadíssimo, “saca” muito rápido as coisas, logo que principiam as explicações ela já vai além e traz uma resposta, um exemplo ou um questionamento.

Quando falo que Emília é participativa, não é simplesmente pelo fato de fazer algo ou dar bons exemplos, ela interrompe, questiona e instiga o aprendizado através de provocações. Enquanto aprendia a respeito dos artigos e numerais, no momento em que estava sendo explicado que artigo serve para individualizar um nome, Emília ficou calada enquanto explicava sobre os artigos *O, A*, mas ao ser explicado a respeito dos artigos *Um, Uma*, sem antes receber a explicação da definição dos mesmos, se definido

²⁴ (Idem, 1994, Emília no País da Gramática, p. 33)

ou indefinido, ela foi logo interrompendo e provocando a explicação: – *Mas ‘Um macaco’ não diz qual é o macaco. ‘Um macaco’ pode ser este ou aquele.*²⁵

Desse entender rápido de Emília podemos também dizer que Ela tem boa apreensão, percebe rápido o que se quer dizer logo ao explicar. Quando a senhora Etimologia discorre sobre palavras homônimas e fala da diferença existente entre essas homófonas e homógrafas, a menina logo se voltou para a palavra *Pena* exibindo o seu entendimento da explicação dada. – *Então você, ‘Pena’ (dó), é Homônima e Homógrafa de ‘Pena’ (de escrever).*²⁶

Emília conquistou o espaço da liderança. Todos permitem que ela esteja à frente das situações, talvez por imposição da menina que teima, briga, bate o pé até prevalecer a sua vontade, ou talvez seja mesmo por ela ter realmente o domínio das situações, pois ela é inteligente e como já disse, sabe como sair de situações de conflito.

A criança que encontrei em *EPG* é uma menina ativa, de vontades também prevalecentes, ela dita quando começa ou quando termina alguma explicação. Se ela entendeu determinado assunto e o acha fácil demais, não se preocupa se os outros aprenderam ou não, ela ordena que chega e pede logo outro assunto. Podemos perceber isto em várias situações enquanto estão no país da Gramática, na tribo dos advérbios Emília diz chega – *Chega de advérbios – berrou Emília- Vamos ver as Senhoras ‘Preposições’*²⁷. Ao aprender sobre a derivação das palavras a menina interrompe a explicação para dizer que conhece o sufixo *mente*. – *Espere! – gritou Emília – Conheço um rabinho desses muito usado na fabricação de advérbios – o tal ‘Mente’.*²⁸

Eu poderia citar aqui inúmeros exemplos de liderança de Emília, ora liderança de comando, ora do saber. Emília comanda mandando que se prossiga a explicação, comanda dizendo “chega”, comanda dizendo qual o próximo passo, qual o próximo bairro a ser visitado, ou seja, qual classe de palavras quer aprender primeiro, ora seu comando é de domínio da situação, de ser a número um nas situações apresentadas. Emília domina impondo o seu querer, bem como, domina por conhecer a situação.

Sempre que se explica algo é ela quem interrompe, ora com exemplos enriquecedores, ora com indagações necessárias ao bom aprendizado, ora com

²⁵ (Ibidem, p. 25)

²⁶ (Ibidem, p. 35)

²⁷ (Ibidem, p. 32)

²⁸ (Ibidem, p. 38)

observações surpreendentes, como no caso do momento de explicação sobre *Derivação Imprópria*. – *Já sei!* – *adivinhou Emília*. – *A tal Derivação Imprópria é a que se faz sem Sufixo, nem Prefixo.*²⁹ Essa observação foi inesperada e surpreendeu à velha *Etimologia* que ficou tonta da esperteza de menina. Esse é um dominar de situação por conhecimento. Isso não aconteceu só desta vez, anteriormente Emília já a tinha surpreendido quando disse conhecer o adjetivo *Mente*, que ela (Emília) classifica como *rabinho usado na fabricação de Advérbios*.

Em *ME* encontramos a mesma criança, ou seja Emília, autoritária, dona de si e como sempre com vontades que prevalecem. Ela tem personalidade forte e não muda, é a mesma menina líder, seja qual for a circunstância, dá as ordens com autoridade e todos as cumprem. O Visconde é que o diga, Emília quer escrever suas memórias, mas quer escrever enquanto vida para deixar ao público um legado sem máculas. Ao querer, ela própria, escrever suas memórias, ela está questionando o gênero de narrativa de Memórias.

Para a realização de seu intento, decidiu que ela própria faria o trabalho para relatar apenas o que lhe convinha, não queria que suas memórias pudessem trazer algum relato que manchasse sua “boa” reputação. Emília não só é diferente, como fazia questão de ser, não queria ser apresentada igual a todos os homens comuns. Pretensiosa que só ela mesma, quer escrever apenas o que lhe possa ser favorável, mas não quer ocupar-se do trabalho, mostrando mais uma vez que é autoritária e mandona. Sempre usa Visconde para o trabalho pesado. O negócio dela é trabalhar o cérebro, para as tarefas pesadas aproveita-se da bondade de Visconde. Além disso Emília não gosta muito de se manter ocupada, ela gosta mesmo é de ser livre para ter tempo de pensar qual será a próxima aventura.

Usa o cérebro e trabalha com as mãos do Visconde, de imediato convida-o a ser seu secretário. Mostra sua autoridade e dá as ordens: *Visconde – disse ela – venha ser meu secretário. Veja papel, pena e tinta. Vou começar as minhas Memórias*³⁰ Ao ser questionada por Visconde quanto a escrever Memória com tão pouco tempo de vida, dá logo um jeito de despistar usando de autoridade – *faça o que eu mando e não discuta*.

²⁹ (Ibidem, p. 41)

³⁰ (LOBATO, 1994, Memórias da Emília, p.8)

*Veja papel, pena e tinta.*³¹ Visconde não tinha por quê obedecer, não era submisso a ela, no entanto, sempre cumpre as suas ordens .

A partir de episódios desse tipo é possível afirmar que há portando uma inversão total na ordem narrativa. Não é a criança que obedece, ela dá as ordens e o adulto as cumpre. O saber “livresco” do Visconde de Sabugosa somente é valorizado se experimentado e aprovado através do saber empírico de Emília.

Uma das razões pela qual Emília quer estar à frente do trabalho é por acreditar que não existe verdade absoluta e que a verdade nada mais é que uma mentira bem pregada, acha que pode incrementar suas memórias de modo que ao serem lidas as pessoas possam meditar (filosofar) sobre quem é Emília. Com isso o que acontece no texto é um questionamento filosófico profundo sobre as relações entre o real e sua representação, colocando a ficção literária no lugar da “mentira” já de saída, e de não existência da verdade absoluta. Isso é o pedagógico em alto nível de que falei anteriormente.

Visconde prepara o material para começar a escrever, mas Emília não sabia como começar e como não perde ponto em situações de apuros dá logo a desculpa de que não quer que suas memórias sejam escritas com aqueles materiais, achou-os inadequados (papel, pena e tinta).

Quando de alguma forma Emília não consegue ter o domínio da situação, ou seja, quando por alguns instantes ela falha, inventa as maiores asneiras para se sobressair. Numa forma de ganhar tempo pediu a Visconde, o que se era impossível conseguir para o momento: papel cor do céu, tinta cor do mar e pena de pato. Como isso era impossível resolveu que não escreveria, era uma forma de ganhar tempo, logo depois, como viu que não teria mesmo jeito, resolveu prosseguir com as Memórias. Mal sabia o Visconde que as exigências absurdas de Emília eram um meio de ganhar tempo para pensar algo para escrever. Tanto não sabia o que e nem como escrever que começou a embromar o tempo, depois começou a ditar para que Visconde escrevesse e por fim largou o trabalho nas mãos do Sabugo de milho e foi brincar, mas como boa encrenqueira que é, a toda hora passava para ver como estava o trabalho e meter o “bedelho”.

³¹ (Ibidem, p. 8)

Emília tem consciência do processo de seu desenvolvimento e começa suas memórias contando o quanto evoluiu desde que nasceu,

(...) fiquei no mundo feito uma boba, de olhos parados, como qualquer boneca. E feia. Dizem que fui feia que nem uma bruxa. Meus olhos tia Nastácia os fez de linha preta. Meus pés eram abertos para fora. (...) Eu era assim. Depois fui melhorando. Hoje piso para dentro. Também fui melhorando o resto. Tia Nastácia foi me consertando, e Narizinho também. Mas nasci muda como os peixes. Um dia aprendi a falar.³²

O relato de Emília sobre como era na época de seu nascimento nós podemos comprovar em *RN*, Era uma boneca, não muito comum, conforme vemos em suas memórias, diferente de todas e muito feia, que melhorou muito. Ao contar como nasceu e qual foi o enchimento que tia Nastácia usou em seu corpo, faz questão de lembrar que macela é uma erva muito cheirosa.

Em Lobato passagem do real para o imaginário às vezes é imperceptível, e segundo Lobato é necessário o mundo imaginário para que a criança possa interessar-se pela leitura e ao mesmo tempo pelos acontecimentos ao seu redor. '*A criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto,*' defendia. '*O meio de interessá-la é falar-lhe à imaginação.*'³³

A proposta de Lobato para a Literatura Infantil seria, e é, uma Literatura em nível bem brasileira em estilos e personagens. A princípio, traduzir as fábulas de La Fontaine adaptadas inteiramente como ele disse em carta ao amigo Rangel *um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos*³⁴

Lobato parece cumprir o que prometeu ao seu amigo Rangel, ao trazer para sua Literatura um cenário bem brasileiro, o mundo rural. Ele nacionaliza a Literatura e a ambienta ao cenário nacional, o Sítio do Picapau Amarelo, onde é centrada a maior parte de sua narrativa, conforme afirma Lajolo: *O Sítio do Picapau Amarelo constitui sempre o ponto de entrada de todas as narrativas – ou, pelo menos, daquelas cuja ação*

³² (Ibidem, p. 10)

³³ (Conferências, Artigos e Crônicas in AZEVEDO, 1998, p. 311)

³⁴ (LOBATO, carta ao amigo Rangel, in Azevedo, 1998)

principal...³⁵ Ela refere-se ao Sítio: *Ele é integralmente o Brasil, estando embutido nele tudo que Monteiro Lobato queria representar da pátria.*³⁶

Seus personagens principais são pessoas do cotidiano de uma família e animais da nossa terra e os seus temas são em geral aqueles que envolvem os problemas da nação. Segundo Coelho, ao iniciar-se na Literatura Infantil, *Lobato ainda não tinha um projeto definido para a criação do universo que ele acabou construindo no Sítio do Picapau Amarelo.*³⁷ Para ela, o autor inova a Literatura infantil e anula a fronteira real e maravilhoso. Ao contrário das clássicas histórias de *'Branca de Neve, O pequeno Polegar, etc.'* [As histórias de Lobato partem do real, o Sítio do Picapau, e] *não decorrem em nenhum reino maravilhoso fora do tempo e espaço históricos.*³⁸

A inovação de Lobato em fundir o maravilhoso ao espaço real, faz-nos atravessar essa fronteira e viajar pelo maravilhoso como possibilidade de real. Ainda segundo Coelho, *devido à naturalidade com que esse elemento passa a integrar o natural, ambos se igualam ou se identificam como possibilidade de existência.*³⁹

Isso vai se confirmar com Emília de uma maneira muito mais radical, pois não só a fusão entre real/imaginário é completa, a ponto de a fronteira ser diluída, como o imaginário é que passa a reger o funcionamento do real, posto que todos os habitantes (humanos ou não) do plano real da narrativa se inserem nas fantasias e nas ficções sem nenhum impacto.

Com a promessa feita ao amigo Rangel de vestir à brasileira as fábulas de La Fontaine, ele foi além e trouxe para a Literatura Infantil Brasileira personagens do cânone da Literatura. Em RN, *Cara de Coruja*, temos episódios de *Cinderela, Branca de Neve, O pequeno Polegar, Barba Azul, Ali Babá, o Gato de botas, Capinha Vermelha* e outros, todos interagindo com os personagens de Lobato.

Para Coelho, *Alice no País das Maravilhas* de Carroll é o ponto de partida para Lobato escrever *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e, tanto *Alice* quanto *Narizinho* vivem aventuras no mundo maravilhoso através do sonho e ambas voltam à realidade, ou seja, ao acordarem tudo não passa de um sonho, isso na 1ª edição em 1921 na versão *A menina do Narizinho Arrebitado* quando ainda havia a fronteira entre o real e

³⁵ (LAJOLO, 1999, p. 55)

³⁶ (Ibidem, p. 57)

³⁷ (COELHO, 1995, p. 849)

³⁸ (Ibidem, p. 850)

³⁹ (Ibidem, p. 850)

imaginário, porque em 1931 na versão definitiva (RN) onde há a fusão dos dois mundos, segundo Coelho, *não há sono ou sonho 'explicando' racionalmente a convivência das personagens com o maravilhoso*.⁴⁰

Narizinho já não dormiu no plano real. (...) *E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz*.⁴¹ Enquanto vivia as aventuras no mundo maravilhoso, (...) *assim que entrou na sala de baile, rompeu um grande estrondo lá de fora – o estrondo duma voz que dizia: - Narizinho, vovó está chamando!...*⁴² A passagem real e maravilhoso, ou vice e versa, mantém-se num equilíbrio natural e os 2 planos se confundem.

O que se vê na narrativa de Lobato é um jogo de inteligência reflexiva. O pedagógico inserido na obra é um incentivo ao desempenho crítico da mente, isso é desenvolver através de questionamentos a criticidade humana. A linguagem fácil não é no sentido de banal é de fácil no sentido de ser um deleite para o leitor. Uma narrativa não linear, não banal e não tão comum em se tratando de narrativa para todo tipo de público leitor.

Lobato brinca com naturalidade entre os dois mundos, o “real” e o maravilhoso, e ao brincar, faz de nós, público leitor, seus personagens do plano real, pois sentimo-nos fazer parte da narrativa. Assim como nos jogamos dentro das obras ao ler, personagens das suas obras saem para o mundo real, como aconteceu com Emília.

Assim, a proposta de figuração de infância verificada em Emília lança uma resposta simbólica à questão posta na modernidade; a infância como o outro a ser decifrado e tutelado, em Lobato assume o caráter fronteiro já na sua constituição. Emília é o ser fantástico que, como tal, aponta para o humano, colocando em questão o limite entre a razão e a intuição, o saber livresco e o empírico, a autoridade e a alteridade dos sujeitos.

Nesse sentido o gesto inaugural de Perrault é invertido com Emília; por sua vez a história é narrada pelo prisma infantil, já não há uma voz narradora tutelar e silenciada, que fala de fora ou de cima.

⁴⁰ (Ibidem, p. 851)

⁴¹ (LOBATO, 1993, p. 8;

⁴² (Ibidem, p. 20)

A dessimetria adulto/criança é assim rompida, e se inverte totalmente a lógica: o jogo da narrativa é constituído agora por uma estrutura em que a própria criança conta, atua, cria e dá solução para as questões postas.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Carmen Lucia de. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. 2.ed. São Paulo: Senac, 1998.
- BILAC, Olavo. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996
- CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 9.ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: séculos XIX e XX*. 4.ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: relações e perspectivas conclusão*. 4.ed. São Paulo Global, 1997.
- DE LUCA, Tânia Regina. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Unesp, 1999
- FORSTER, E. M, *Aspectos do Romance*. 2.ed. Trad. Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1974.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LOBATO, Monteiro. *Emília no país da gramática*. 39.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Memórias de Emília*. 42.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Reinações de Narizinho*. 48.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- NETTO, Coelho & BILAC, Olavo. *Contos Pátrios*. 48.ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda, 1965.
- SANDROMI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- ZILBERMAN, Regina & LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. 4.ed. São Paulo: Global, 1993.
- ZILBERMAN, Regina & MAGALHÃES, Ligia Cadermatori. *Lietratura Infantil: autoritarismo e Emancipação/ O estatuto da Literatura Infantil*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987.

ANEXOS